



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 7, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.07>

Recebido em: **31/08/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO: ANÁLISE DE ESCRIVIVÊNCIAS DE ESTUDANTES NO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO; PRÁCTICAS EN EDUCACIÓN: ANÁLISIS DE LA
ESCRITURA DE ESTUDIANTES EN LA PRÁCTICA SUPERVISADA; INTERNSHIP IN
EDUCATION: ANALYSIS OF STUDENTS EXPERIENCE AND WRITING IN THE
SUPERVISED INTERNSHIP

CLAUDIA DE FARIA BARBOSA

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-4905-9797](https://orcid.org/0000-0002-4905-9797)

Resumo

Esta investigação é resultado de um trabalho de pesquisa-ação com estudantes de pedagogia pós realização de estágio curricular em escolas de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Foi concebido a partir de inquietações vividas no cotidiano do trabalho docente que atende às exigências do currículo no processo formativo para a docência. Analisa as representações de estudantes, no que se refere ao estágio, à formação recebida e a realização do estágio com pesquisa, como princípio fundante. Utiliza-se uma abordagem qualitativa hermenêutica-dialética, após questionários com questões abertas para apreensão empírica do objeto, com estudantes e egressos sobre a experiência no estágio.

Palavras-chave: Formação de Professores, Saberes docentes, Estágio com Pesquisa.

Resumen

Esta investigación es el resultado del trabajo de investigación-acción con estudiantes de pedagogía luego de realizar una pasantía curricular en escuelas de primera infancia y primeros grados de primaria. Basado en inquietudes vividas en la labor docente diaria que cumpla con los requisitos del plan de estudios en el proceso de formación para la docencia. Analiza las representaciones de los estudiantes, en cuanto a la pasantía, la formación recibida y la finalización de la pasantía con investigación, como principio fundacional. Se utiliza un enfoque hermenéutico-dialéctico cualitativo, después de cuestionarios con preguntas abiertas para la aprehensión empírica del objeto, con estudiantes y egresados ??sobre la experiencia en la pasantía.

Palabras clave: Formación del profesorado, Enseñanza del conocimiento, Pasantía de investigación

Abstract

This investigation is the result of research-action work with pedagogy students after conducting a curricular internship in early childhood schools and early grades of elementary school. It was conceived based on concerns experienced in the daily teaching work that meets the requirements of the curriculum in the formative process for teaching. It analyzes the representations of students, with regard to the internship, the training received and the completion of the internship with research, as a founding principle. A qualitative hermeneutic-dialectic approach is used, after questionnaires with open questions for empirical apprehension of the object, with students and graduates about the experience in the internship.

Keywords: Teacher Education, Teaching knowledge, Research Internship.

1 INTRODUÇÃO

A razão da elaboração desta investigação provém da experiência de supervisionar situações didáticas vivenciadas nas salas de aula e o desafio de incluir nessas atividades a pesquisa, tomando emprestado o termo *escrivência*[i]. A disciplina de Estágio proporciona o estudo de ações que envolvem a docência possibilitando a análise das políticas educacionais, além disso, visa desenvolver conhecimentos sobre os aspectos metodológicos e práticos por meio do contato direto com os sujeitos da educação básica, na sua realização.

O Estágio supervisionado é de suma importância, pois permite vivenciar na prática as diversas situações do contexto escolar e a realidade educacional. O Estágio, na maioria das vezes, é o primeiro contato do futuro pedagogo com a realidade da escola, oportunizando a construções de aprendizagem, bem como a aplicação do conhecimento teórico na prática da profissão escolhida.

A disciplina de Estágio na Educação Infantil visa à observação e atuação parcial sobre a teoria e a prática docente. No sentido mais amplo, educação é o ato de participar do processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de promover o desenvolvimento do sujeito em formação, a fim de que ele possa vivenciar a sociedade de forma crítica e prática, buscando sua própria autonomia e exercendo os objetivos coletivos.

O papel da pedagogia é estabelecer um diálogo com as ciências humanas e esse é um desafio permanente para os pedagogos. O contato direto com a experiência da atuação docente permite uma melhor compreensão da teoria, mas não se restringe a isso. Cabe aos futuros pedagogos vivenciar a infância do ponto de vista do professor.

As crianças naturalmente demonstram a necessidade de terem seu direito de formação plena como sujeitos de valores, condutas, culturas, identidades, memória, sentimento e corporeidade. Nesse sentido, este trabalho problematiza a formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, no que tange à junção teórica e prática dos saberes docentes, constituindo-se na seguinte questão norteadora: Existe um conflito no currículo e na formação dos estudantes: o que se deve priorizar no estágio: o ensino ou a pesquisa? Quais são os aspectos do conhecimento prático ou as teorias do saber docente e pesquisa mais imprescindíveis?

2. PROBLEMA DE PESQUISA - O ESTÁGIO COM PESQUISA

Impõe-se um desafio aos professores dos cursos de licenciatura no que tange à demanda por um professor mais ativo, crítico, autônomo e reflexivo. Conforme Schön (1983), sem deixar de problematizar a pesquisa no cotidiano do fazer docente. Pensar o papel do estágio curricular no curso de formação de professores, *locus* de atuação docente atual da autora desse texto, tem sido um desafio porque defronta-se cotidianamente com questões contraditórias e dicotomias presentes no contexto dos estudantes universitários. É constatado que existem conflitos na formação de professores entre o que se deve aprofundar mais, os aspectos do conhecimento prático ou as epistemologias do saber docente, nesse contexto é que se insere a problemática dessa reflexão.

As inquietações envolvem a reflexão sobre o estágio curricular, como *locus* de saberes docentes mais amplos do que simplesmente a dicotomia presente no imaginário dos estudantes de pedagogia de que trata-se de espaço destinado a exercitar na prática cotidiana as teorias apreendidas. Limitar o estágio como lugar de prática é um princípio ultrapassado e equivocado, considerando-se que não atende aos pressupostos epistemológicos do profissional da docência.

Conforme Tardif (2002), há um movimento de profissionalização do ensino, ou seja, uma “epistemologia da prática profissional”. Essa inquietação não requer “[...] colocar o estágio como o polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será consequente a

teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola pública” (PIMENTA, 2006, p.70).

Trata-se, portanto, de lidar com um campo específico que é o estágio propriamente dito, diferenciando-o de disciplina, seja teórica ou prática, mas constituindo-se em um saber operacional guiado por outros profissionais de supervisão do estágio, professor regente, coordenação, direção e gestão da escola. Portanto, trata-se de um trabalho em equipe, envolvendo parcerias, colaborações e articulações diversas no campo de estágio.

A ideia de articulação é utilizada aqui como relações de possibilidades, algo que une outras partes para se constituir em um todo, onde não são conformadas por regras *a priori*. A ocorrência de articulações depende de diversos contextos, como o político e o social para torna-la possíveis. Conforme Stuart Hall (*apud Grossberg, 1986, p. 53*):

(Uma) articulação é [...] a forma de conexão que *pode* criar a unidade de dois elementos diferentes sob certas condições. É uma ligação (*linkage*) que não é necessária, determinada, absoluta e essencial todo o tempo. Você deve perguntar: sob quais circunstâncias uma conexão *pode* ser feita ou construída? Assim, a chamada "unidade" do discurso é na realidade a articulação de elementos diferentes e distintos, os quais podem ser articulados de modos diferentes pois não têm necessariamente um pertencimento.

A articulação requer junção de partes diversificadas para haver um elo de ligação das partes com o todo, compreendido como o objetivo da realização do estágio. Não somente unir teoria e prática, mas nessa junção muitos outros fenômenos e sujeitos estão interligados para fazer uma articulação que se une para constituir algo inédito na formação de um novo profissional.

Portanto, parte-se do pressuposto de que o estágio é a oportunidade de dialogar em meio às relações que se dão por meio de articulações em diferentes enunciados e vivências, sobretudo no contexto, universidade e escola básica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

A partir dos anos 1980 intensifica no Brasil as primeiras investigações mais aprofundadas sobre a questão do saber dos professores, embasados na literatura internacional com foco na abrangência do papel/função de “professores pesquisadores que refletem, pesquisam e publicam sobre os saberes e fazeres docentes”, conforme André (2005, p. 56).

Na perspectiva da pesquisa, conforme André (2005, p. 27) “envolve o estabelecimento de uma série de ações que devem ser planejadas e executadas pelos participantes e devem ser sistematicamente” isso porque as preocupações vão além das questões subjacentes ao currículo do curso e nos pressupostos da disciplina, mas abrange a pesquisa que se volta para atividades de desenvolvimento profissional, no que tange a programas de melhoria da escola, para o planejamento de sistemas e o desenvolvimento de políticas, isso envolve a observação, reflexão e mudança, apoiando-se, em seus fundamentos, na teoria crítica (ANDRE, 2005).

Como o estágio acontece em etapas, a saber período de observação com realização do levantamento sobre a instituição, a comunidade escolar e o contexto em que ela está inserida, outro período de co-participação envolvendo atividades em parceria com os professores regentes e, por último, a regência propriamente dita quando o estudante de pedagogia adentra na sala de aula como professor, recaindo-lhe as funções de planejar, ensinar e avaliar. Portanto, trata-se de um período em que ele têm de se informar sobre todos as características da escola para compreendê-la.

Minayo (2012) refere-se ao verbo compreender como a principal ação em pesquisa qualitativa, em que questões como a singularidade do sujeito e da escola, sua experiência e vivência no âmbito de grupo da comunidade escolar e da coletividade ao qual pertence e está inserido são fundamentais para contextualizar a realidade na qual vivencia. Nesse sentido, Ao buscar responder questões em um determinado contexto espaço-temporal ou histórico-social, as pesquisas qualitativas não são generalizáveis. Isso não significa que sejam sem objetividade, pouco rigorosas ou sem credibilidade científica, pelo contrário, abordam e tratam os fenômenos de outra maneira, porque após compreendê-los precisa intervir.

Com interesse no trabalho docente, verifica-se os pressupostos epistemológicos que sustentam a ideia de estágio com a “filosofia da práxis” (VÁZQUEZ, 1977), por envolver um olhar mais aprofundado para aquilo que cerca o contexto no qual ele acontece, universidade e escola campo do estágio. Isso demanda intervenções e reflexões para além do pragmatismo de somente unir a teoria e a prática.

Entretanto, reexaminá-las com vistas a impor um sentido novo que coaduna com a questão marxista de que os humanos fazem história e não a fazem como querem, são levados a agir de uma forma ou de outra, sobretudo, por ter consciência do seu papel para além da atitude meramente momentânea, mas aquela que reflete, faz e volta a refletir em um movimento dialético de ação-reflexão-ação capaz de alterar as circunstâncias. Portanto, a práxis a que se refere no contexto do estágio com pesquisa e docência é aquela “categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação” (VÁZQUEZ, 1977, p. 5).

A epistemologia da prática profissional sustenta que é necessário estudar o conjunto dos saberes mobilizados dos demais saberes profissionais e conhecimentos universitários dos professores em suas tarefas. Interessa, portanto, que a pesquisa universitária se apoie nos saberes dos professores que estão no “chão da escola”, a fim de compor um repertório de conhecimentos para a formação docente além do locus da universidade. Trata-se de uma conexão entre os saberes da universidade com os saberes da experiência cotidiana dos professores regentes das escolas.

A partir das inquietações esta investigação se dá em coerência com tais dúvidas, quando os estudantes vão à escola campo realizar o estágio curricular obrigatório. Munidos de dúvidas e de incertezas trabalham nas etapas do processo de estágio, quais sejam, observação, diagnóstico, coparticipação e regência sob a égide desafiante da realidade concreta, com vistas às possibilidades de intervenção. “A mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrechoque de suas contradições [...]. Implica admirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior” separá-la em suas partes e voltar a admirá-la [...]” (FREIRE, 198, p. 60).

Esse exame demanda a pesquisa, no sentido de decompor as contradições para compreendê-las e, somente depois dessa atitude, fazer algo no sentido de intervenção. Há o desafio a cumprir aquilo que não se encerra na dicotomia teoria e prática, mas um fazer e refazer com vistas a um aperfeiçoamento que extrapola a ação de repetição, mas de reflexão, ação e reflexão com a intenção de agir na educação como um ato político que requer muito mais do que ensinar e aprender.

Ser professor exige conhecimento base, formação específica e compromisso ético e moral. Cada qual, em seu processo de constituição como professor, assume um modo próprio de praticar suas ações, que somente serão vistas no exercício da prática, nesse quesito, o estágio assume uma imensurável responsabilidade, pois é o momento que permite a reflexão da teoria na prática, caracterizar a práxis pedagógica, a constituição da profissionalidade, que de acordo Fernandes (2015) e Imbérnon (2010), fazem parte de um conjunto de características essenciais, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores específicos na profissão docente.

A formação docente é um processo de preparação para educar na vida e para vida. Portanto, deve ser pautada na pluralidade, participação, solidariedade e integração, além de abandonar a concepção de

mera transmissão de conhecimento, há de trabalhar na busca por superar desigualdades sociais e aproximar de um caráter mais relacional, dialógico, cultural e contextualizado.

Os educadores se encontram diante de um desafio que não haviam estado em situação semelhante na história da humanidade, pois estão inseridos em um mundo ultra saturado de informações que exigem a aprendizagem colaborativa da arte de viver, exprime uma difícil tarefa que é educar o ser humano nesse novo contexto, por conta da gravidade dos desafios explícitos e implícitos no âmbito escolar, dentre eles um alto índice de desrespeito, indisciplina, relações marcadas por estresse, intolerância, agressividade, violências e desmotivações por parte dos alunos, professores e comunidade escolar.

4 DISCUSSÃO

Com base na “escrivência”[ii] – ou a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida, esse trabalho utiliza dados de relatórios de estágios e dados passados por estudantes que fizeram as disciplinas de estágio, alguns concluintes e outros já formados no curso de pedagogia. Em termos metodológicos, foram utilizados questionários, feitos pela por intermédio do aplicativo *google drive* com estudantes e recém concluintes do curso de Pedagogia de uma universidade pública, tratadas por um processo hermenêutico-dialético (MINAYO, 2002).

Isso porque concorda-se com Minayo (1996), ao preencher a lacuna de que quando a hermenêutica (interpretação) se junta com a dialética, como metodologia do diálogo, cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que se unem para levar a outras ideias, corroborando com a conhecimento filosófico no que tange ao caminho que leva às ideias provoca que o intérprete compreenda o texto, a fala, o depoimento, como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico.

Trata-se de uma metodologia que ao abarcar aspectos da realidade que escapam a simples quantificação e extrapolações dos aspectos descritivos fornece condições para a compreensão dos fenômenos. A temática tem em comum a problemática transversal do fazer, saber e pesquisar. A partir das experiências vividas e dos dispositivos de pesquisas utilizados: questionário com dez ex-alunos da disciplina estágio e relatórios de estágios produzidos por eles coaduna-se com a ideia de experiências no campo de estágio. Em termos instrumentais, utilizou-se questionário com roteiro semiestruturado, com questões que versavam sobre as experiências vividas no estágio.

As reflexões sobre os relatos dos estudantes participantes da pesquisa foram pautados na perspicácia e conhecimentos teóricos que ajudam a compreender o processo de identidade e subjetividade no universo do ensinar e aprender. Também é um convite a reflexão sobre a questão da necessidade dos professores conhecerem seus próprios processos de aprender e ensinar, como um caminho decisivo no momento de compreender o ser que ensina e o que aprende, em um movimento de autorreflexão.

Trata-se, portanto, o estágio como um período de ação, mas também de reflexão da prática escolar, ou seja, é um período no qual se dá a ação – reflexão – ação. Primeiro tem-se como ação a pesquisa, buscando respostas para os questionamentos a respeito do fazer pedagógico e, conseqüentemente, dos problemas enfrentados neste saber-fazer, depois, vem a reflexão em cima do resultado da pesquisa, e então vem o momento de agir novamente através de outras ações que permita encontrar pistas que contribuam com novos resultados para avaliar a prática pedagógica.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo,

envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2001, p. 42-43).

Desta forma, o estágio com pesquisa se baseia na afetividade e autonomia, através da qual pesquisa sobre saberes, fazeres e sentimentos, com o respeito aos processos afetivos para o desenvolvimento cognitivo do aluno, e na forma como esta afetividade pode ser nociva para os sujeitos quando ela afeta de forma negativa, a autonomia e liberdade.

As interações no espaço escolar, da turma e dos questionamentos feitos no período de observação e coparticipação, levam à reflexões sobre as ações que permitam tratar do tema proposto na tentativa de responder à pergunta do estágio como fazer pedagógico com a inserção da pesquisa. Se, no desenvolvimento desta dinâmica pode-se notar o quanto as atividades para além da sala de aula estimulam o desenvolvimento e participação dos estudantes para se envolverem e participaram efetivamente das aulas.

Durante o desenvolvimento pode-se notar os olhares atentos, as faces curiosas e os sorrisos inquietos ou o inverso de todo isso, sobretudo na apatia e ausência dos sujeitos que não colaboram. Ao fim das atividades recomenda-se a volta ao diálogo sobre o que aprenderam e sobre como aprendem.

O processo de construção do estágio em educação revela-se que, conforme Freire (2004, p. 142) a beleza está no processo e não em seu final. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Percebe-se em cada momento deste caminho que cada atitude tomada marca todos os sujeitos envolvidos no processo. Mais do que nunca necessita-se entender que lida-se na sala de aula, com processos complexos, individuais, dinâmicos e multifacetados e não com produtos. Sendo assim, as conclusões possíveis neste momento revelam ainda mais dúvidas do que respostas. Nenhuma teoria traz consigo uma fórmula mágica para o sucesso da rotina dentro da sala de aula, pode-se entender que não existem espelhos que podem ser usados para guiar as práticas docentes, isso porque a construção do caminho da docência se faz necessariamente ao caminhar, é nos erros e empecilhos do caminho que o sujeito delinea a própria trajetória. Nos acertos entende-se que ainda há muito que precisa fazer para atender aqueles que tanto precisam ser respeitados, enxergados e ouvidos na sala de aula, o que Spivack (2010) questiona: “pode o subalterno falar?”

A dimensão humana da prática docente, tão esquecida nos cursos de formação, na instrumentalização das disciplinas e na rotina conteudista de algumas disciplinas é parte fundamental do processo de constituição como profissionais de educação, sobretudo porque de nada vale a teoria e conhecimento se não abrir os olhos a humanidade que “grita” e necessita ser ouvida ao tocar outro ser humano.

O processo do estágio revela-se particularmente a cada sujeito, experiências diferenciadas mas que são reveladoras do processo de desconstrução de medos e temores, de ruptura de estereótipos com relação a sala de aula e de marcas de ternura daqueles que a trazem no encontro com o outro. “De todas as marcas que ficam de todo este processo a afetividade é a que mais me arde, olhar o outro, ouvir o outro, respeitar o silêncio, o tempo, o momento do outro e essa é a principal de todas as lições que levarei comigo”, conforme depoimento de uma colaboradora.

Sendo assim, percebe-se que no cerne do desenvolvimento das práticas de estágio em educação a embate entre teoria e prática é esvaziado, coadunando-se a constante necessidade de total articulação dos dois fatores para o desenvolvimento das atividades em sala de aula, no chão da escola e no fazer da sala de aula que é o eixo da reflexão-ação-reflexão que permeia todo o “caos” que constitui o cotidiano do processo educacional, todo dia o cenário é novo no sentido que os sujeitos ali presentes se renovam no constante processo de construção indelével do ser humano. Enxergar, conhecer, perceber e respeitar o ambiente educacional em todas as suas faces e mazelas são os principais meios

de se compor uma identidade docente que busca a constante humanização de suas práticas e de seu comportamento dentro e fora da sala de aula.

Ao serem interrogados se e como o estágio contribuiu no seu processo formativo os entrevistados foram unânimes em responder que contribui, sobretudo no que tange à experimentar vivenciar na prática parte teórica realizada na universidade, possibilitando o contato direto com os educandos. Explicaram que as crianças de distintas realidades abre uma perspectiva para vivenciar os problemas que elas enfrentam cotidianamente.

Quanto à escola, os colaboradores perceberam o esforço dela em concretizar e proporcionar uma educação com “certa qualidade, mesmo quando os recursos financeiros e / ou humanos são escassos”. É no estágio que “a convivência no chão da escola contribuiu para meu processo formativo, porque por mais que lemos e compartilhamos os textos, é na prática que se consolida a compreensão desses textos através de experiências vivenciadas no cotidiano escolar” afirmou o colaborador.

Ao serem indagados sobre o que mais priorizaram no estágio, se ensino ou pesquisa, a prevalência das resposta indica que tanto o ensino quanto a pesquisa são vivenciados, uma vez que o trabalho de estágio contempla estas duas categorias aliadas ao planejamento a ser executado. Entretanto, a pesquisa se perde ao ser ofuscada pelo pragmatismo cotidiano da prática, ou seja, o fazer sobressai ao refletir, sobretudo no que tange a reflexão-ação-reflexão.

Ressaltam a relevância do professor regente no que tange alinhamento e ao apoio na segurança emocional, o ensino no "controle de sala" e na aplicabilidade dos conteúdos didáticos, tão exigidos de imediato, como fatores fundamentais para que haja “sucesso” no estágio.

As experiências mais marcantes no estágio coadunam em relação ao contato com os educandos, que contempla o brincar, educar e cuidar. A experiência em elaborar diagnósticos, planos de aula, organização das sequências didáticas com o cuidado em ter que escolher material pedagógico de acordo com determinado tema para ministrar aulas envolvem a pesquisa, mas não se articula de uma forma mais ampla com a pesquisa acadêmica que venha a produzir resultados mais sistematizados em prol de uma teoria da prática.

As relações com a professora regente e os estudantes, no que concerne ao ato de aprender e ensinar, pensar e sentir, a maior parte dos entrevistados consideram que as relações são adequadas, embora o “discurso debatido na academia diverge da rotina vivenciada no contexto escolar”, conforme expõe um dos colaboradores. Eles reconhecem o apoio das professoras regentes como cruciais, desde as sugestões como elaborar as atividades de modo mais intuitivos e práticos. O apoio na segurança emocional, o ensino no "controle de sala" e na aplicabilidade dos conteúdos didáticos são garantidores de um estágio bem sucedido desde que as professoras regentes sejam aliadas. Foi informado também, a existência de um mistura, conforme escreve o estudante “mix de tensão, entusiasmo, insegurança e nervosismo na preocupação em fazer certo, em passar convicção nas de cada aula”.

Para que o estudante consiga fazer a síntese teoria-prática é imprescindível a diretividade, por meio de análises, que na relação educador-educando-professor regente ainda falta afinidades para não haver distorções das práticas com as possibilidades e as formas de superação do fazer e pesquisar.

Para formular essa crítica e superar a percepção da impotência em estabelecer práticas coerentes com o referencial teórico-metodológico da educação, é imprescindível mais que avançar em metodologias didático-pedagógicas, demanda-se uma mudança de postura de estudantes passivos por sujeitos promotores de mudanças e protagonistas no processo de ensino e aprendizagem.

Finalizar esta reflexão sobre o trabalho feito através do estágio e da observação é tarefa complexa, ainda mais quando os sentimentos e as emoções afloram juntamente com as aprendizagens

construídas. A identidade se mistura com a afetividade, a infância e suas complexidades pensando o lúdico, as brincadeiras infantis que possibilitam aprendizagens pessoais e momentos que talvez estivessem esquecidos no passado. Procura-se, em todo momento, estabelecer vínculos afetivos com cada criança e com os adultos envolvidos, pois acredita-se que este aspecto faz a diferença. Percebe-se que existe uma linha tênue entre a compreensão da identidade e as questões sociais, talvez por isso seja este um tema tão imbricado de significações e nem sempre levado em consideração por parte dos educadores.

Conforme afirma o RCNEI: “Por meio das explorações que faz, do contato físico com outras pessoas, da observação daqueles com quem convive, a criança aprende sobre o mundo, sobre si mesma e comunica-se pela linguagem corporal”. (BRASIL, 1998, p. 25). É sobre esta perspectiva que elabora-se as atividades descritas neste relatório, com a intencionalidade de que as crianças se comuniquem por meio das explorações sensoriais, da motricidade, dos movimentos corporais e pelas diversas linguagens que utiliza para se expressar.

A identidade é descoberta através destas diversas linguagens e aprendizagens, sendo fundamental para o desenvolvimento emocional, psicológico, cognitivo e social. Uma vez que cada ser é único e ao mesmo tempo em que se diferencia dos demais, é também um ser coletivo, com características semelhantes. Para isso, o professor precisa oportunizar a criança vivenciar sentimentos, experimentar sensações, e problematizar situações criando assim, uma identidade autônoma, crítica e livre.

A motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a sociabilidade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que, desde o nascimento, a criança estabelece com diferentes parceiros, a depender da maneira como sua capacidade para construir conhecimento é possibilitada e trabalhada nas situações em que ela participa. Isso por que, na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar. (BRASIL, 2009, p. 7).

A escola não é apenas lugar de evidenciar a inteligência e a capacidade de aprender, é lugar também das práticas do cotidiano, das descobertas, da exploração do ambiente, da interação com o outro, do respeito e da afetividade.

Cabe ao professor a tarefa de individualizar as situações de aprendizagens oferecidas às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda simultaneamente, as demandas do grupo e as individualidades da criança. RCNEI (1998, p. 32).

Este trabalho, portanto, compreende a importância da prática pedagógica afetiva e significativa, reafirmando a ideia de que o professor e a escola devem estabelecer relações não superficiais com as crianças e com todos os envolvidos no espaço escolar, tornando o cotidiano da escola mais proveitoso, abrindo caminhos para o encontro e para a busca pelo lugar de pertencimento de cada sujeito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais achados indicam que há tensões entre os aspectos teóricos e as vivências em salas de aulas durante o período de estágio curricular obrigatório, mas não dispensa de modo algum aos estudantes aprofundamento epistemológico de pressupostos didáticos, metodológicos e conhecimentos na área das ciências humanas e sociais, porque nos momentos do estágio essa base teórica-metodológica-conceitual aliada à epistemologia é fundamental para a resolução de situações problemas vividas nos espaços da escola campo de estágio.

As exposições das experiências práticas demonstraram que os objetivos da disciplina são alcançados, mas ainda há muito a ser feito no sentido de mais consciência e inserção no campo de intervenção e

pesquisa com mais profundidade na epistemologias aliada à práxis do aprender fazendo e intervindo no lócus do estágio.

Destaca-se a relevância do estágio, por proporcionar aprendizagens do fazer docente e desencadear a reflexão sobre as próprias ações, enquanto essas acontecem ou posteriormente à sua efetivação, tendo em vista ressignificá-las para atender à diversidade dos alunos que compõe o cenário da sala de aula.

Essa experiência de ensino-aprendizagem revela como os universitários do curso de Pedagogia viveram a docência no período do estágio na escola pública e quais foram suas reflexões acerca do currículo do curso de pedagogia, da escola e dos seus papéis na intervenção na escola pesquisa. Entretanto, a ideia de pesquisa com estágio ainda é uma prática a devir considerando, sobretudo, o excesso de atividades a serem realizadas em um tempo relativamente curto para preparar os dispositivos de pesquisa.

Tais dispositivos envolvem diagnóstico das fases de aquisição da leitura e escrita, avaliação e tabulação desses dados, projeto de intervenção, planejamento, planos de aulas, atividades de aplicação e avaliação, projeção de atividades específicas para o dia da culminância e despedida do estágio, além dos relatórios que são produzidos e as experiências que são apresentadas para a professora e os demais membros do grupo e da tentativa de realizar um estágio com pesquisa, em alguns casos trazendo reflexões sobre a prática docente, problemas de aprendizagem e não conformidades encontradas como violência, racismo, intolerância e até mesmo desrespeito por parte dos alunos com seus pares.

Os principais achados indicam os desafios vividos no *locus* escolar no que tange à formação docente e a necessidade de reunir teorias com os fazeres e saberes docentes, constituindo-se em práxis. Ademais, versa sobre a problemática vivida no que tange à demanda por professores e pesquisadores mais ativos, críticos, autônomos e reflexivos. Os resultados, trazidos pelos colaboradores, assinalaram na direção de existência de dificuldade na articulação entre conteúdos teóricos e sua aplicação nas aulas com as pesquisas e intervenções na realidade. Foi avaliada pelos estudantes a necessidade de mais tempo e protagonismo para possibilitar articulação de ensino, pesquisa e intervenção.

[i] Termo utilizado pela escritora Conceição Evaristo, como método de investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais de corte memorialístico.

[ii] Célebre questionamento de Spivak (2010): “pode o subalterno falar?”. Mais que isso: falar, ser ouvido, redigir outra história, outra versão, outra epistemologia, que leve em conta não o arquivamento das versões dos vencidos, mas que valorize o sujeito comum, anônimo, do dia a dia. Outra questão proposta por Spivak é a dificuldade em abordar ao mesmo tempo a sujeito concreto biografado e o exemplo por ele produzido.

ANDRE, Marli. Pesquisa, Formação e Prática Docente. In: ANDRE, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática de professores**. 12ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANDRE, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Série práticas pedagógicas. Campinas, SP: Papirus, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998. V.1, 2 e 3.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de mundo. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF, 1998.

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 18, 1995.

FERNANDES, Maria Emérita Jaqueira. **Movimentos de professoralização: enlaces com a experiência estética**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Educação - PPGED, Vitória da Conquista, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GROSSBERG, L. **On Postmodernism and Articulation: An Interview with Stuart Hall** Journal of Communication Inquiry, Summer 1986, Urbana: University of Illinois Press.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 2. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

MINAYO, M.C.S. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. (Orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores**. Unidade Teoria e Prática? São Paulo: Cortez, 2006 .

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SPIVAK, Gayatri Chakracorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Regibal Goulart et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

1977.

[1] Termo utilizado pela escritora Conceição Evaristo, como método de investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais de corte memorialístico.

[2] Célebre questionamento de Spivak (2010): “pode o subalterno falar?”. Mais que isso: falar, ser ouvido, redigir outra história, outra versão, outra epistemologia, que leve em conta não o arquivamento das versões dos vencidos, mas que valorize o sujeito comum, anônimo, do dia a dia. Outra questão proposta por Spivak é a dificuldade em abordar ao mesmo tempo a sujeito concreto biografado e o exemplo por ele produzido.

Doutora em Humanidades (UCSAL), pesquisadora do Grupo de Estudos Hermenêuticos em Famílias, Territórios, Identidades e Memória (GEHFTIM, CNPq-UESB), professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Centro Universitário UniRuy I Wyden e professora colaboradora do Programa de pós-graduação *stricto sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC – UESB). E-mail: barbosa.claudiadefariabarbosa@gmail.com